

## Prefácio

Fui um filho da guerra, nascido numa terra sem livros nem escrita, uma terra onde a História apenas nos chegava pela boca das nossas mães e através das canções da nossa aldeia, uma terra consumida pela guerra ainda antes de eu soltar o meu primeiro choro. Por isso mesmo, o dia exacto do meu nascimento perdeu-se nesse mundo também perdido onde nasci, tal como os nomes de algumas pessoas cujas vidas se entrelaçaram com a minha. Dei-lhes, pois, novos nomes.

Como muitos outros Meninos Perdidos do Sudão, assumi, já em adulto, a data de 1 de Janeiro de 1980 como o dia do meu nascimento, adaptando-a daí para a frente às minhas várias idades contidas neste livro. Não tenho a certeza da idade exacta que tinha quando estive em determinados sítios, nem tão-pouco o tempo exacto que lá permaneci. Mas tenho pistas e referências bem frescas na minha memória: era tão pequeno que a minha arma era maior do que eu; assisti ao passar de muitas estações secas e de muitas estações chuvosas enquanto vivi no campo de refugiados. As datas exactas contidas neste livro têm como referência os acontecimentos descritos nos livros de História, mas a gigantesca parte da violência diária da guerra não vem referida nos livros, e este não pretende ser um manual escolar da História do Sudão. É apenas a história de um rapaz, das suas memórias e de tudo o que testemunhou.

## Prólogo

O rugido abafado da multidão enche-me os ouvidos – como o rugido de um leão, o rugido de um rio no qual sabemos que, se cairmos, jamais conseguiremos escapar, o rugido de uma arma quando cospe balas que rasgam o ar. O sangue lateja-me nas veias enquanto espero nos bastidores e olho a assistência. A uma enorme distância, vejo rostos voltados para o palco, e por detrás deles consigo distinguir as montanhas da Cornualha.

– E agora temos o prazer de chamar ao palco a estrela sudanesa do rap, Emmanuel Jal, para participar neste grandioso concerto no Eden Project, Live 8! –, ouve-se uma voz anunciar.

Entro no palco com as pernas a tremer de excitação. Vejo nitidamente centenas de rostos sorridentes mesmo à minha frente, mãos a acenar em alegre expectativa. Toda aquela gente me espera. Sinto um medo puro a explodir dentro de mim e um forte aperto no peito, tal como sempre acontece quando sou confrontado com sentimentos demasiado fortes. Tenho a certeza que não conseguirei cantar uma nota que seja. Sinto o fôlego a esvaír-se do meu peito à medida que avanço.

Mas de súbito, o tempo pára. As luzes, o ruído, as cores, tudo se dilui aos poucos, os rostos desvanecem-se totalmente. Sou de novo uma criança.

*Deus olhará por nós*, oiço a minha mãe sussurrar-me, quando nos vemos todos enfiados debaixo de uma cama.

Ela aperta-me nos braços, bem como aos meus dois irmãos e duas irmãs, todos abrigados de uma guerra que decorre do lado de fora da nossa palhota. Na pacífica aldeia que outrora conhecemos, chuvas de mísseis fazem explodir casas com famílias inteiras lá dentro, as mulheres são violadas e as crianças chacinadas. É um genocídio de que o meu povo é vítima.

Chego-me mais à minha mãe, sentindo o sibilar das balas e os angustiantes gritos a ribombar-me os ouvidos.

*Sossega, meu pequenino*, diz ela docemente, enquanto eu inspiro profundamente o aroma a leite que lhe sai da pele. *Sossega, meu amor*.

Chego-me ainda mais a ela e fico atento ao que diz a seguir. Os meus irmãos, Miri e Marna, e as minhas irmãs, Nyakouth e Nyaruach, também se colam a ela.

*Um dia estaremos todos num sítio melhor*, garante-nos a nossa mãe. E nós acreditamos nela.

Mas em breve aprenderei que nem mesmo o feroz e incondicional amor de uma mãe me protegerá. A guerra irá arrancá-la de mim, vencerá o meu pai a desistir do filho de sete anos, e atrair-me-á para as suas sangrentas garras, atirando-me para os braços uma arma maior do que eu e ordenando-me que lute. E não estarei sozinho. Serei apenas um dos milhares de rapazinhos que mais tarde se virão a chamar Meninos Perdidos do Sudão.

Contudo, também terei muita sorte. Escaparei ao Inferno, sobreviveri e aprenderei a lidar com uma guerra que ainda hoje se manifesta dentro de mim, muito tempo depois de os campos de batalha se terem por fim silenciado.

Ao olhar para cima, as luzes de palco encandeiam-me enquanto me dirijo ao microfone. Chegou a hora de contar a minha história, recorrendo à música e às palavras – que representam finalmente as minhas armas, agora que pousei para sempre a espingarda e a catana. A multidão parece sossegar um pouco ao ver-me perante si, de pé, preparando-me para actuar. Penso na minha mãe e nas canções que outrora entoámos naquela aldeia longínqua. Por momentos falo com ela.

*Finalmente estamos num sítio melhor*, digo em silêncio.

E começo a cantar.

## Capítulo 1

Sinto o estômago colado às costas, à medida que o caminhão avança lentamente. Viajamos desde o nascer do Sol por uma estrada poeirenta, e eu dava tudo para provar o sabor da *tahnia* escondida num caixote de cartão, mesmo ao meu lado. Aquela pasta suave e adocicada à base de sésamo é sem dúvida a minha preferida para barrar uma fatia de pão *kirsa*. Olho para baixo, salivando.

– Jal – diz-me a minha mãe com um sorriso. – Tens de esperar até pararmos. Nessa altura comemos.

– Sim, mamã... – respondi.

Ergo os olhos para o céu. Mal posso esperar que chegue a noite para poder ver o céu encher-se de grandes estrelas prateadas e a lua insinuar-se, redonda e tão brilhante... A cada noite que nos deitamos para dormir no chão ao lado do caminhão, eu e a minha irmã mais velha, Nyakouth, procuramos fervorosamente os desenhos das constelações ou ficamos calados a ouvir a nossa mãe contar-nos histórias enquanto dá de mamar à nossa irmã mais nova, Nyaruach, e aos dois bebés, Marna e Miri.

– Esta noite sabemos que é a raposa que está de guarda aos céus, por causa da grande quantidade de estrelas a brilhar – disse-nos a mamã. – Isto porque as estrelas são como vacas, as grandes e gordas são os touros e as mais pequenas são os seus filhos. Sentem-se em segurança enquanto a raposa as vigia, porque assim não as come.

– Mas nas noites em que há pouquinhas estrelas no céu, sabemos que é a hiena que está de vigia e que já comeu as vacas quase todas.

Olhei de novo para o céu e senti-me feliz por ser a noite da raposa.

Mas agora nada mais há para ver a não ser o Sol altaneiro e quente e a vegetação da savana agitando-se sob a brisa. Deixámos a nossa casa há já alguns dias, juntando-nos a uma extensa caravana de camiões com destino ao Sul, para casa da nossa avó com quem vamos passar a viver. A minha tia Nyagai, que vivia connosco, também vem connosco no mesmo camião e a minha avó mandou o nosso tio John para nos acompanhar na viagem. Eu nunca o tinha visto na vida, mas fiquei muito contente ao ouvi-lo dizer que muito em breve veríamos o nosso pai. Eu já não via o *Babba* há muito tempo.

– Vais crescer forte e saudável na casa da tua avó – disse-me o tio John. – Quem sabe um dia serás capaz de domar leões e tornar-te um guerreiro!

Tremi de excitação ao ouvi-lo dizer aquilo. Desejei crescer grande e forte como o meu pai.

Olho mais uma vez para o caixote. Quanto tempo mais irá levar até pararmos para comer? De súbito vejo um homem a olhar fixamente para mim. É um dos quatro homens que também compraram o seu lugar naquele camião. Na altura achei-os esquisitos. Ele e os amigos eram árabes. Sabia-o porque tinham um aspecto diferente do nosso – a pele mais clara e com uns lenços brancos na cabeça – e eram muçulmanos, enquanto nós frequentávamos uma igreja cristã. Também percebi desde logo que eles não gostavam nada de ir connosco naquele camião. O homem assumia sempre uma expressão zangada de cada vez que os nossos olhos se encontravam, e os amigos falavam baixinho entre si à medida que o camião calcorreava lentamente as estradas em direcção ao Sul. Tínhamos de ir devagar para a eventualidade de sermos atacados pelo Exército Popular de Libertação do Sudão (SPLA) – rebeldes que comiam pessoas e raptavam crianças. Tinham morto muitos árabes e tropas do governo.

O homem desvia agora o olhar de mim para os restantes elementos da minha família. De seguida, começa a falar com os amigos acerca da guerra.

– O SPLA e os seus seguidores cristãos vão fracassar na sua guerra – disse ele, elevando a voz. – E serão meros escravos entre nós, tal como o destino lhes fadou.

Senti a mamã a ficar tensa, mesmo ao meu lado.

– A resistência deles de nada lhes valerá – continuou o homem. – Iremos vencê-los. É desejo de Alá que eles se tornem nossos escravos.

A mamã voltou-se para o tio John:

– A melhor forma de lutar é mantendo a calma e o silêncio – disse baixinho.

O tio John nada disse, os homens continuaram a sua conversa e eu também deixei de os ouvir. A única coisa que conseguia escutar era o meu estômago.

Olhei uma última vez para o caixote, pousado no chão do camião. Desaparecera. Olhei para o lado e vi os árabes a comerem *tahnia*.

– Aquilo não é nosso, mamã? – segredei eu.

O meu tio olhou discretamente para os homens e a minha mãe baixou a cabeça para o local onde deixara o caixote, mesmo junto a mim. Por fim, ergueu o olhar para os homens com uma expressão profundamente triste.

– Vamos ter de o recuperar – disse o tio John, apreensivo. – É tudo o que nos resta.

– Não. Não há necessidade de lutar por comida – diz-lhe a mamã.

Os homens olharam para ela, agora com um ar ainda mais ameaçador.

– Está calada, mulher – silvou um deles.

A raiva era quase palpável dentro daquele camião. Ninguém falou.

– Devolva-nos a nossa comida – pediu o tio John num tom suave. – Temos crianças para alimentar, e vocês têm comida mais do que suficiente.

Os homens já faiscavam de ódio ao olhar para nós.

– E quem és tu para me dirigires a palavra? – berrou o homem.

De repente pôs-se de pé, e sem uma palavra os amigos levantaram-se como molas posicionando-se logo atrás dele. Movendo-se em simultâneo, caíram em cima do tio John e desataram a espancá-lo, enquanto eu assistia à cena todo encolhido no meu banco. Ouvei a Nyaruach chorar e agarrar-se à Nyakouth.

– Parem! – gritou a mamã, levantando-se. – Não precisamos da *tahnia*, fiquem com ela. Mas, por favor, deixem-no!

Mas os homens ignoraram-na e vi sangue espichar do nariz do meu tio à medida que ia levando mais e mais socos. Uma e outra vez os

punhos acertavam-lhe em cheio no nariz e no estômago, enquanto a mamã os tentava tirar de cima dele. Só que não tinha força suficiente, e às tantas eu vi um punho elevar-se no ar e assentar directamente na boca dela. Desesperei ao vê-la cair de costas, ao meu lado. Fiquei doente.

Atirei-me furiosamente a uma perna. Estava disposto a mordê-la até ao osso; tudo para impedir que aqueles homens magoassem a minha mãe. Mas assim que enterrei os meus dentes na carne mole, senti uma mão a apertar-me a nuca com toda a força. E subitamente vi-me de joelhos no chão, sob o poder de uma mão fortíssima, praticamente invencível. Não me consegui mexer, deixei de conseguir ver ou ouvir fosse o que fosse. Era como se um gigante me tivesse agarrado e levantado no ar com as suas garras mortíferas. Queria desesperadamente respirar mas não conseguia, tal era a força do seu aperto em torno do meu pescoço. Baixando o olhar, reparei que os meus calções estavam molhados à frente, e logo a seguir apercebi-me apenas de uma mancha negra a toldar-me o olhar e tudo ficou escuro.

Olhando para trás, apercebo-me agora que a semente do ódio foi plantada em mim nesse exacto momento. Até então, não me tinha apercebido ainda do que estava a acontecer à minha volta – porque é que aquele povo a que chamavam «Árabe» parecia odiar as pessoas da minha família, porque é que eram mais ricos e abastados do que nós, porque é que a polícia espancava homens e mulheres em plena rua, ou porque é que a mamã andava tão calada e triste a maior parte do tempo. Mas o dia em que um árabe levantou a mão para a minha mãe ficou para sempre marcado como o início da minha caminhada em direcção ao ódio. Era ainda muito novo para poder atribuir um nome ao sentimento, mas de cada vez que me lembrava do que aquele homem e os seus pares haviam feito, mais sentia o estômago a revolver-se e o coração a acelerar-se.

Nos primeiros três anos da minha vida, o Sudão viveu em paz, mas disso eu não consigo recordar-me. A única coisa que conheci foi uma guerra que cresceu paralela ao meu próprio crescimento. Nasci numa aldeia chamada Tonj, no Sul do Sudão, mas os meus pais mudaram-se mais para norte quando o meu pai se tornou polícia. A zona onde vivíamos era leal ao governo muçulmano vigente e lar dos

árabes do Norte de África, descendentes dos invasores desde há séculos, de pele mais clara do que a dos meus pais e que, tal como a maioria das pessoas do Sul do Sudão, eram africanos puros. O meu pai era membro da orgulhosa tribo Nuer<sup>1</sup> e a minha mãe era meio Dinka<sup>2</sup>, meio Nuer. A guerra entre Norte e Sul – islamistas e cristãos – há muito que se desencadeara, e existiam igualmente graves conflitos entre as centenas de outras tribos existentes em todo o Sudão. Mas quando rebentou uma nova guerra civil em 1983, os Dinka e os Nuer, que eram tradicionais inimigos, uniram forças com outras tribos como os Shilluk, os Murle, os Nubians<sup>3</sup>, e as tribos dos estados da Equatória, formando assim o Exército Popular de Libertação do Sudão – o SPLA.

A guerra, que fez sangrar o coração do meu país ao longo de décadas, não foi puramente tribal ou religiosa. No cerne estava o dinheiro – mais concretamente o petróleo que jazia secretamente nas profundezas dos solos do Sul e do qual o governo do Norte pretendia obviamente obter proveitos. Os dólares eram, senão o único, o verdadeiro interesse em jogo. E a melhor maneira de os obter era convencer e motivar os que reclamavam aquela terra como seu lar. Foi daí que nasceu a *Sharia*<sup>4</sup>, e o governo conseguiu desse modo armar uma tribo contra a outra. Desde o incendiar de aldeias ao largar de bombas, nada os impedia de conseguirem o que queriam; e o desalojamento de um povo representava fatalmente a sua destruição.

Mas eu não sabia nada disto em criança, e as minhas primeiras recordações são as de tempos bem mais felizes. Simon, o meu pai, era polícia e nós vivíamos numa bela casa de tijolo, com guarda-costas para nos protegerem, a mim e aos meus irmãos, e um Land Rover estacionado

---

<sup>1</sup> Os Nuer são uma confederação de tribos localizadas no Sul do Sudão e no Oeste da Etiópia.

<sup>2</sup> Os Dinka são uma confederação de tribos do Sul do Sudão, habitando zonas tão distintas como Bahr el Ghazale, na bacia do Nilo, Juncáli, no Sul do Sudão, Kurdufan, no centro do Suão, ou no Alto Nilo.

<sup>3</sup> Tribos igualmente numerosas e importantes, as duas primeiras originárias do Sul do Sudão e a última do Norte.

<sup>4</sup> O corpo da Lei religiosa que orienta o Islão. Mas o Islão não faz a distinção entre vida religiosa e secular, e portanto a *sharia* cobre não só os rituais religiosos e a administração da Fé, mas também os aspectos do dia-a-dia.

à entrada. Lembro-me de caminhar alegremente lado a lado com o meu pai, na sua farda verde-tropa com uma bonita insígnia no ombro – uma estrela dourada com riscas vermelhas por baixo – indo visitar os seus amigos. Também eu usava uma farda que ele me tinha oferecido e lembro-me de me sentir muito orgulhoso. Não só aquele homem era muito importante, como as seis cicatrizes desenhadas na testa eram para mim a prova de que ele fora um guerreiro que, como todos os meninos Nuer, transformara-se num homem quando as marcas lhe foram profundamente cravadas na pele. A partir de então jamais poderia fugir no caso de um leão – ou uma guerra – atacar a sua aldeia: os atacantes teriam de matar todos os homens Nuer antes de conseguirem chegar às suas mulheres e filhos.

Angelina, a minha mãe, era linda, com a pele cor dos grãos de café, dentes branquíssimos e covinhas nas bochechas. Era enfermeira, e cristã, e ensinou-me a diferença entre o bem e o mal a partir do momento em que me considerou suficientemente crescido para o entender. A minha irmã mais velha, Nyakouth, e eu jamais nos esquecemos do dia em que ela nos apareceu à frente com ar grave, exibindo uma pequena caixa de lata onde geralmente tinha guardada uma mistura de leite em pó com açúcar.

– Algum de vocês mexeu aqui?

Olhámos para ela e lembrámo-nos de imediato do momento em que enfiáramos um dedo naquela pura delícia branca, saboreando-o depois na língua e no céu-da-boca.

– Não – disse a Nyakouth.

– Não – repeti.

Mas a minha mãe olhou para o chão, mesmo junto aos meus pés, e eu constatei que tinha açúcar a cair por um buraquinho da algibeira dos calções.

– Não se deve mentir. Nunca – disse ela severamente. E mais tarde nesse dia, o *Babba* obrigou-nos a dar cem voltas à casa a correr sem parar, para nos castigar.

A mamã trabalhava fora apenas umas horas por dia, e o restante tempo era dedicado ao ensino do Inglês, do nosso abecedário e da língua árabe a mim e à Nyakouth. Em breve nasceu a Nyaruach e, pouco depois, os meus dois irmãos, Marna e Miri. Muito embora a mamã nos

sorrisse, mimasse e cuidasse de nós com ternura e carinho, sempre a senti triste, tal como percebi que o único dia que a alegrava era o domingo, quando podia ir à missa.

Nesse dia, ela acordava muito cedo para nos preparar uma papa feita à base de grãos de sorgo, antes de nos aperaltar primorosamente com a nossa «roupinha de ver a Deus». Depois deixávamos o *Babba* a dormir e dirigíamo-nos para à igreja protestante da mamã, onde ela nos deixava sentados num banco antes de se dirigir ao seu lugar no coro. Eu gostava de ir à igreja – as pessoas, a música e as orações – sobretudo adorava ver a minha mãe feliz enquanto cantava. O rosto iluminava-se-lhe à medida que a música a envolvia, e eu sabia que, pelo menos durante aquele fugaz momento, ela esquecia tudo o que a entristecia. Aprendi a amar a música por isso: porque deixava a minha mãe feliz e, logo, deixava-me a mim feliz.

Mas quanto mais eu crescia, mais tristes os dias de semana se tornavam. E ouvia os meus pais falarem cada vez mais da guerra e do SPLA.

– Quem são os SPLA? – perguntei um dia ao meu pai.

– Os que lutam pela liberdade – respondeu-me ele.

A mamã limitava-se a dizer que Deus amava todos de igual maneira – os Dinka, os Nuer, os Árabes – e que enviara o Seu filho à Terra para morrer por eles todos.

– Um dia, viveremos todos em paz no céu – dizia-nos ela a mim e à Nyakouth.

Ambos sabíamos que no céu nunca se chorava porque os anjos nos protegiam. Imaginava-os muitas vezes – uns de pele mais clara, outros de pele mais escura, e todos com lindas asas, brancas ou castanhas.

Mas à medida que o tempo foi passando e os meus pais se foram tornando cada vez mais tristes, o *Babba* passou a beber cada vez mais. Se em tempos se limitava a compartilhar um copo em ameno convívio com os amigos na nossa varanda, agora bebia sozinho, pois todos eles, um a um, haviam sido presos. Os sulistas eram odiados estigmatizados pela polícia, e a única coisa que safou o meu pai da prisão foi o seu emprego. O *Babba* parecia cada vez mais zangado, e uma noite ouvi os gritos da minha mãe ao ser espancada por ele. Eu sabia que muitos homens faziam o mesmo, mas jamais pensei que o meu pai pudesse magoar a minha mãe e não consegui digerir facilmente a visão do seu

rosto marcado na manhã seguinte. Mas em breve tudo ficou esquecido, sobretudo quando voltei a ouvi-la sorrir, rir e cantarolar pela casa o seu hino preferido.

*Jesus ama-me, sei-o bem  
Já que a Bíblia mo ensina  
As crianças a Ele pertencem  
Pois são fracas e Ele é forte.*

À medida que os refugiados começaram a acorrer em massa à nossa aldeia e a nossa casa se ia enchendo de tios e tias que eu jamais tinha visto, a minha mãe deixou de conseguir disfarçar as lágrimas. Eu vivia cada vez mais assustado. Vi a tia Nyagai ser presa e espancada pela polícia e parecia que a mamã ia a um funeral praticamente todos os dias. Quando acordámos uma manhã e constatámos que o *Babba* partira, convenci-me de que ele tinha morrido.

– Teve de ir para outro sítio trabalhar – informou-nos a nossa mãe.

Mas eu não acreditei, e quando um polícia nos bateu à porta uns dias depois para nos informar que teríamos de abandonar a nossa casa, fiquei ainda mais convencido.

Deixámos a casa nessa noite, com roupa e lençóis de cama encafudados dentro de sacos de plástico e ficámos com uns amigos da família na sua *tukul* – um tipo de palhota tradicional do Sudão, feita de barro, estacas e palha. Era tão diferente da nossa casa – sem electricidade, iluminada apenas com candeeiros de parafina e com o chão em terra batida – e eu tive muito medo por não ter o meu pai connosco para nos proteger. Nesta casa, todos os adultos falavam baixinho, murmurando e sussurrando, e todos vivíamos sob o toque do recolher obrigatório. A minha mãe era obrigada a usar um lenço a cobrir-lhe a cabeça, era frequentemente agredida pela polícia quando tentava deslocar-se à sua igreja, e à noite, quando nos deitávamos no chão ao sentir a polícia tomar de assalto as *tukuls* vizinhas, o seu choro era sempre abafado no abraço aos filhos. Até as canções tradicionais africanas, que eu tanto adorava e que acompanhavam sempre qualquer festejo ou celebração, se silenciaram. No Sudão a música serve para tudo – os cultivos, as searas, as noites de lua cheia, o luto, o casamento e o nascimento. Mas em breve o único

canto permitido era o muçulmano de chamamento para as orações. Perguntava-me por que razão já não nos deixavam cantar. Alguns ainda o faziam, mas era certo que teriam sérios problemas, caso fossem apanhados – corria a história sinistra de um casamento no qual a polícia havia intervindo e acabado por matar o noivo e a noiva.

Foi então que o meu tio John chegou e nos comunicou que partiríamos para o Sul – um local seguro, onde ele me prometeu que cresceria forte e feliz, veria elefantes e poderia beber tanto leite quanto me apetecesse. Iríamos viver com a nossa avó na cidade sulista de Bantiu<sup>5</sup>, antes de nos mudarmos definitivamente para uma aldeia vizinha.

– Aquilo é lindo, muito verdinho! – disse o meu tio, a mim e à Nyakouth. – As árvores estão cheinhas de fruta madura e deliciosa, o rio está carregadinho de peixes e vocês vão poder brincar, cantar e dançar o tempo todo. O vosso pai também lá estará e vocês vão poder finalmente abraçá-lo!

Fiquei trémulo de excitação. Queria muito ver leões e enormes árvores verdinhas, mas o que mais desejava era voltar a ver o *Babba*.

---

<sup>5</sup> Capital do estado de Unidade (al-Wahda), localizado na região autónoma do Sudão do Sul.